

ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES E DIDÁTICAS

Michely Marcia Martin¹

Resumo

O referido trabalho teve como objetivo diagnosticar o processo de alfabetização cartográfica nos primeiros anos do ensino fundamental, considerando a sua importância para o ensino da Geografia no ensino fundamental (Primeiro Ciclo), correlacionando-o com o conhecimento geográfico posterior da educação fundamental. Para tanto se tomou como estudo duas escolas em Florianópolis - SC, uma na área central da cidade e a outra no bairro do Ribeirão da Ilha na porção sul do município devido às características sociais e culturais de ambas serem distintas. Foram realizadas com os docentes do primeiro ciclo do ensino fundamental, entrevistas semiestruturadas; com base em um questionário abordando a temática da alfabetização cartográfica. Com os resultados das entrevistas foi possível avaliar o conhecimento que as professoras tinham a esse respeito. A pesquisa revelou que há algumas deficiências na abordagem da alfabetização cartográfica nos anos iniciais do ensino fundamental estas julgamos, a partir dos elementos da pesquisa, ser de ordem da formação dos professores e da capacitação destes profissionais.

Palavras-chave: Geografia. Cartografia. Alfabetização Cartográfica.

¹ Bacharel e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Geografa do Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. E-mail: michely.martins@ceped-ufsc.com

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo diagnosticar el proceso de alfabetización de cartografía en los primeros años de escuela primaria, teniendo en cuenta su importancia para la enseñanza de la geografía en la enseñanza primaria (primer ciclo), en correlación con el conocimiento geográfico de la educación más elemental. Para este estudio se tomó como dos escuelas en Florianópolis - SC, en el centro de la ciudad y el otro en el barrio de Arroyo de la isla en el sur de la ciudad debido a las características sociales y culturales de ambos son diferentes. Se llevaron a cabo con los maestros en la escuela primaria, la entrevista semi-estructurada, basada en un cuestionario para abordar las cuestiones de la alfabetización cartográfica. Con los resultados de las entrevistas fue posible evaluar el conocimiento que los profesores tenían sobre él. La encuesta reveló que hay algunas deficiencias en el enfoque de la alfabetización de cartografía en los primeros años de escuela primaria que creen, a partir de elementos de la investigación, ser del orden de la formación docente y la formación de estos profesionales.

Palabras clave: Geografía. Cartografía. Alfabetización Cartográfica.

1 Introdução

“A alfabetização cartográfica é uma proposta metodológica cujo objetivo é o desenvolvimento de habilidades² e competências³ para que o aluno torne-se um leitor de mapas.” (PCNs). Isto significa que ensinar mapas para crianças e jovens nas escolas é uma questão que vai além das técnicas de mapear. Sendo assim, é necessário que a linguagem cartográfica seja trabalhada na escola desde os primeiros anos do ensino fundamental para que os alunos adquiram de maneira progressiva as habilidades necessárias para a leitura dos

² Qualidade daquele que é hábil; capacidade, destreza, agilidade: ter habilidade para trabalhos manuais

³ Capacidade decorrente de profundo conhecimento que alguém tem sobre um assunto: recorrer à competência de um especialista.

mapas. Assim, não basta produzir mapas cartograficamente adequados, se estes não forem devidamente apropriados pelos estudantes. Diante dessa exposição podemos verificar a importância da cartografia escolar para o aluno.

O desafio que se apresentou nesse estudo foi investigar, se acontece e como acontece a alfabetização cartográfica no primeiro ciclo do ensino fundamental – referente a prática e ao conhecimento teórico de parte dos docentes das instituições investigadas.

O objetivo da pesquisa foi analisar como acontece à alfabetização cartográfica no primeiro ciclo do ensino fundamental, em uma escola localizada em uma área com características de comunidade semi-rural, no Ribeirão da Ilha (Escola Básica Batista Pereira) e também noutra localizada na parte central de Florianópolis Escola Educação Básica Prof. Henrique Stodieck. Não se teve o objetivo de comparar turmas, mas identificar as práticas efetuadas e as dificuldades no ensino do espaço geográfico, considerando o lugar onde vivem os alunos, os quais são completamente diferentes nos aspectos físicos, sociais e culturais.

Consideramos que o ensino do espaço geográfico e sua representação, denominado de alfabetização cartográfica, acontece com procedimentos metodológicos diferenciados por causa das peculiaridades das escolas. Nesta perspectiva, verificamos 2 escolas. Uma na periferia da Ilha de Santa Catarina (localizada em uma comunidade com tradição açoriana) da rede municipal e a outra localizada no centro urbano (com características tradicionais 94 anos) da rede estadual.

Tal hipótese tem como fundamento que os estudantes da escola da periferia são provenientes do lugar e bairros vizinhos, onde predomina o modo de vida de cidade pequena, ou comunidade com características rurais. Os estudantes da escola inserida no centro são provenientes de diversos bairros e do centro, como também de outros municípios, o que não confere uma identidade territorial aos alunos.

Neste contexto o presente trabalho se justifica, por considerar que nas séries iniciais são construídas noções espaciais para que o aluno compreenda a linguagem dos mapas, pois ela se constitui em uma ferramenta indispensável no processo ensino-aprendizagem da Geografia. Desenvolver a alfabetização cartográfica nas séries iniciais é auxiliar o aluno a

adquirir conhecimentos, habilidades e competências indispensáveis à leitura do espaço geográfico e sua representação.

É importante trabalhar, no momento da alfabetização, com a capacidade de ler o espaço, como o saber ler a aparência das paisagens e desenvolver a capacidade de ler os significados que elas expressam. Um lugar é sempre cheio de história e mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza.

1.1 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos são as etapas percorridas para a construção da pesquisa, eles direcionam o caminho a trilhar, desde a seleção dos participantes até a coleta e análise dos dados. Para Minayo e Gomes (2007, p. 14) “A metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas), e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)”.

Metodologia refere-se a mais do que um simples conjunto de métodos, ela inclui o entendimento teórico da abordagem, juntando a teoria com os pensamentos sobre a realidade.

1.1.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de estudo de caso, caracterizada como exploratória. As pesquisas exploratórias segundo Gil (1991, p. 44) “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas na formulação de problemas mais preciosos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Este tipo de pesquisa proporciona maior utilidade do estudo de caso por sua flexibilidade recomendável nas fases iniciais de uma investigação.

As pesquisas qualitativas geralmente são exploratórias. São usadas quando se busca entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrem espaço para o esclarecimento. Também para Minayo e Gomes (2007, p. 21),

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Como instrumento de coleta de dados foi elaborado um roteiro com nove perguntas abertas, para serem respondidas pelos profissionais das duas instituições, caracterizando a abordagem qualitativa, com o intuito da busca pelo entendimento dos entrevistados.

1.1.2 Delimitação da pesquisa

A amostra do estudo compõe-se de duas instituições de ensino públicas, que oferecem os primeiros anos do ensino fundamental, Escola de Educação Básica Professor Henrique Stodieck foi entrevistado um único professor que leciona para o primeiro e segundo ano e na Escola Básica Batista Pereira foram entrevistados dois professores que lecionavam para o primeiro e segundo ano.

A escolha dessas escolas ocorreu por se tratar de escolas públicas localizadas em Florianópolis com diferenças culturais e sociais.

O objetivo da pesquisa foi a identificação das práticas utilizadas no primeiro ciclo do ensino fundamental relacionadas à alfabetização cartográfica e as dificuldades encontradas pelos professores que ensinam nesses ciclos.

1.1.3 Coleta e análise dos dados

Os instrumentos de coleta de dados utilizados para o desenvolvimento da pesquisa dividem-se em fontes primárias e secundárias. Como fonte primária o objeto de pesquisa foi à entrevista efetuada através de questionário estruturado, caracterizando a pesquisa exploratória. Segundo Minayo e Gomes (2007, p. 64) a entrevista “tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objeto”.

2 A alfabetização cartográfica em 2 escolas no município de Florianópolis

2.1 Caracterização do campo de pesquisa

Ao todo foram entrevistados três professores, para preservar a identidade dos profissionais envolvidos, optou-se por identificá-las por profissional **A** (Escola de Educação Básica Professor Henrique Stodieck) e os profissionais **B e C** (Escola Básica Batista Pereira).

2.1.1 Escola de Educação Básica Professor Henrique Stodieck

Fundada em 15 de junho de 1915. Neste ano, 2009, a escola completa 94 anos de serviços prestados à educação em Florianópolis. Inicialmente recebeu o nome de Grupo Escolar Arquidiocesano São José, uma vez que pertencia à Piunião de Santo Antônio dos Padres Franciscanos, tendo como primeiro Diretor o Padre Schüller. Até 1983 situava-se à Rua Padre Roma no centro de Florianópolis. Mas nesse mesmo ano foi transferida para a Rua Esteves Júnior, 65; também no centro da capital. O prédio era da antiga Faculdade de

Direito e primeira entidade de nível superior instalada em nosso Estado. A qual numa de suas gestões teve como Diretor o Professor Henrique Stodieck.

Atualmente a escola é dirigida pela Professora Margarete dos Santos, como Diretora e Elenice Wagner, como Assessora de Direção. Abriga em torno de 820 alunos distribuídos entre a 1ª Série do Ensino Fundamental até a 3ª Série do Ensino Médio, nos seguintes turnos: Matutino, Vespertino e Noturno.

Os alunos são provenientes de bairros do próprio município de Florianópolis, como também de outros municípios da Grande Florianópolis (Biguaçu, São José e Palhoça).

Possui em seu quadro cerca de 65 profissionais, entre Assistente de Educação, Professor, Orientador, Administrador, Assistente Técnico Pedagógico, Servente e Merendeira. Dispõe de vigilância 24 horas.

A escola possui um Plano Político Pedagógico baseado na proposta curricular estadual. (Veja anexo B)

A escola conta com a participação de toda a Comunidade Escolar para a realização de novos Projetos e melhoria da qualidade de ensino, visando, assim, a cidadania.

2.1.2 Escola Básica Batista Pereira

Fundada em 07 de abril de 1957 como grupo escolar, com 60 alunos tendo como primeira diretora a Sra. Gertrudes Francisca Antunes. Em 1974, foi construída mais uma sala de aula ficando, o Grupo Escolar, com 4 salas de aula. Em 1975, pelo decreto no 018/78 do parecer 341/75 foi transformada em Escola Básica Municipal Batista Pereira em homenagem ao vereador João Batista da Costa Pereira, ficando com turmas de 1ª à 5ª série.

Em 2003, informatizamos a sala dos professores com 3 computadores e uma impressora e a sala de multimeios com um computador para trabalhar com educandos cegos e baixa visão, surdos e com perda auditiva. Nos dias atuais a escola atende uma média de 1000 alunos entre o 1º ano e a 8ª série do ensino fundamental, tendo como Diretor o professor Miguel João Laureano.

A escola possui o um Plano Político Pedagógico. Tem como desafio, enquanto educadores discutir, avaliar, reelaborar e sistematizar a cada ano seu Projeto Político

Pedagógico buscando uma educação de qualidade e sempre considerando a proposta curricular da rede municipal. (Veja anexo A) Visa levar o educando a se tornar independente quanto a sua capacidade de busca e compreensão do conhecimento. Fazemos isto através da estimulação da capacidade participativa, através de observações, leituras, experiências vividas e atividades realizadas pelo educando. Partindo dos princípios gerais, a Escola Básica Municipal Batista Pereira constrói sua história englobando as diversas áreas de estudo através de exposições de trabalhos, momentos de integração com a comunidade e atividades educativas.

A escola está inserida numa comunidade de origem açoriana, ainda traz elementos culturais de seus colonizadores. Existe uma forte influência religiosa do catolicismo considerada pela comunidade, uma “peça” fundamental na educação.

Os alunos são provenientes de vários bairros do sul da Ilha como: Ribeirão da Ilha, Costeira do Ribeirão, Rio Tavares, Barra do Sul, Saco dos Limões, Campeche, Areias, Sertão do Ribeirão, Tapera Pedregal, Barro Vermelho e Freguesia.

Para alguns familiares a conclusão do ensino fundamental acaba tendo caráter de terminalidade e a busca pelo ensino médio passa a ser uma tarefa árdua de todos os educadores da escola enquanto formadores de consciência.

Para valorizar a cultura local, a escola oportuniza aos educandos e educadores mostras de trabalhos e pesquisas produzidas durante o ano letivo nas datas comemorativas como: aniversário da escola, dia das mães, dia do folclore, etc.

2.2 Elementos constitutivos da pesquisa e análises

Para apresentar, analisar e interpretar os dados pesquisados buscou-se a concepção de Minayo e Gomes (1997, p27), “a qual o momento de análise e interpretação dos dados envolve três tipos de procedimentos, a ordenação dos dados coletados, a classificação dos dados e a análise propriamente dita”.

Os dados coletados nas duas instituições serão apresentados conforme questões utilizadas para a entrevista com os professores.

A primeira pergunta referia-se a formação acadêmica. Todos os entrevistados possuem o curso superior de Pedagogia. Dois deles possuem Pós- graduação. A segunda pergunta: Qual a série que leciona, e quantos anos leciona, o professor **A** da primeira instituição leciona para o 2º ano (média de idade dos alunos é 7anos) e já está lecionando há 25 anos, os dois outros professores **B** e **C** respectivamente, lecionam para o 2º ano (média de idade dos alunos é 7 e 8 anos) e já esta lecionando há 12 anos; leciona para o 1º e 2º ano (média de alunos 7 e 8 anos) e está lecionando há 5 anos. A terceira pergunta era relacionada ao conhecimento sobre a alfabetização cartográfica. O professor **A**, relatou que de repente saberia do que se tratava, mas não com essa denominação. O professor **B** relatou que já ouviu falar em alfabetização cartográfica, na formação acadêmica e também posteriormente na formação continuada. O professor **C** não ouviu falar nem na universidade.

A quarta pergunta foi sobre os instrumentos utilizados na alfabetização cartográfica. Todos os entrevistados responderam que fazem a utilização de mapas, atlas, globo, fotografia, maquetes.

A quinta pergunta, sobre quanto tempo em média leva para ministrar um determinado assunto em sala de aula, e se têm práticas fora da sala de aula “trabalho de campo”. As respostas foram bem diversificadas. O professor **A** relatou que não tem como precisar quanto tempo leva para lecionar um determinado assunto; em média seria uma semana. Primeiro introduz o assunto, depois, trabalhado pelas diversas disciplinas e sempre que possível é feita pratica fora da sala de aula, por exemplo: uma ida ao teatro. Durante o trajeto ela conduz os alunos a contar as ruas, as descidas e subidas o tempo do percurso quais as principais construções.

Os professores **B** e **C** usam uma apostila onde os assuntos são introduzidos de maneira interdisciplinar, sendo difícil quantificar o tempo que levam para lecionar cada assunto. No último ano as práticas fora da sala de aula foram restritas por causa da obra de pavimentação da Rodovia Baldicero Filomeno, ficou difícil a locomoção das crianças em meio ao “caos das obras” na Rodovia.

A sexta pergunta, qual o livro didático adotado pela instituição e se usa outros materiais para produzir as aulas. O professor **A** utiliza um livro adotado pela escola

“Coleção Hoje é dia de Geografia da editora Positivo”, e faz uso da internet como fonte de estudo e conhecimento os demais professores **B** e **C** utilizam um novo material adotado pela escola “Coleção Caminhos Volume 3 e 4, Sistema Ensino UniBrasil da Base editora” e recebem orientações para utilização do mesmo, sempre utilizando a internet e livros disponibilizados na escola para atualizar seus conhecimentos.

A sétima pergunta, sobre se ocorre ligação entre as disciplinas, à resposta foi unânime à interdisciplinaridade é indispensável nesses casos, está tudo muito conectado.

A oitava pergunta, sobre o desenvolvimento de conteúdos relacionado ao ensino de mapas, a alfabetização cartográfica propriamente dita. O professor **A** ao introduzir um assunto observa a importância da visualização no mapa então faz uso dele. Também já fez uso de maquete com caixinhas para observar o percurso que os alunos fazem de suas casas até a escola. Alguns utilizam desenhos; como esta instituição está localizada na parte central da cidade de Florianópolis os seus alunos têm suas peculiaridades, pois não residem somente em Florianópolis como também em municípios vizinhos como Palhoça, São José e Biguaçu. Quando se introduz o conteúdo relacionado ao bairro cada um faz o caminho referente ao seu deslocamento e a partir daí os colegas têm uma visão mais ampla dos domínios de cada município.

O Professor **B** usa como base o material adotado pela escola dando exemplos e fazendo comparativos importantes para o entendimento dos alunos. O conteúdo relacionado ao bairro é introduzido através de uma atividade de pesquisa a partir do bairro onde se localiza a escola. Tal pesquisa consiste em descobrir com os mais velhos, pais e avós, os nomes das ruas por onde eles passam no trajeto de casa até a escola, tipo de transporte é utilizado, as construções etc. Isso oportuniza saber um pouco mais da história do bairro e como a paisagem das ruas foi mudando através dos anos.

O Professor **C** parte do mesmo princípio do Professor **B**, mas com o enfoque um pouco diferenciado. Também são efetuadas entrevistas com os pais e avós. Cada um pesquisou do seu bairro. Como são bairros próximos puderam aprender um pouco dos bairros do sul da ilha onde está localizada a escola, e a atividade se concentrou em obter o conhecimento de que como cada um observa o bairro em que vivem, ruas, construções, meio de transporte, a paisagem de como era e como é atualmente. Posteriormente foi

proposto fazer um desenho do trajeto de casa até a escola e muitos identificaram suas casas nos desenhos dos colegas, outros acrescentaram trazendo fotos. Em todo esse processo não só os alunos aprendem como o professor também começa a compreender melhor as modificações das paisagens no entorno do local onde trabalha.

A nona pergunta está relacionada sobre possuir alunos com necessidades especiais. O Professor **A** tem um aluno que é altista, mas disse que possui um profissional especializado em ajudar e dar suporte para inclusão do aluno. O Professor **B** tem um aluno que possui Síndrome de Down, não alfabetizado, com dificuldade na fala. Disse ter muita dificuldade em precisar quando ele aprende, pois ele apresenta dificuldade de comunicação. Mas, sempre tenta integrá-lo ao restante do grupo.

Diante das entrevistas realizadas com os professores constatamos que existe uma diferença no que se refere ao tempo de serviço e a maneira de ensinar. O Professor **A**: 25 anos, Professor **B**: 12 anos e a Professor **C**: 5 anos.

Segundo OLIVEIRA (2008, p.492) Introduzir o professorado das séries iniciais no contexto de uma formação sólida da linguagem da cartografia pode vir a facilitar o estudo da geografia na escola. Nesse sentido, vemos duas possibilidades: a primeira se concretizaria por meio do estabelecimento de um currículo que contemple espaço de discussão desses temas nos cursos de Magistério Superior e Pedagogia; e por segundo e não menos importante, por meio de um processo dialógico e reflexivo de formação permanente, no qual as professoras pudessem refletir sobre suas práticas e avançar rumo a novas aprendizagens.

Para Abreu (2006, p. 44)

O processo de analfabetismo cartográfico é um ciclo cujo o início está na função aluno da escola/professor. O aluno não aprende os conteúdos cartográficos, por conta da deficiente formação do professor; logo depois este aluno entra em uma faculdade e ou universidade que forma professores de geografia e ou pedagogia, e novamente esses conteúdos não são repassados. Posteriormente, ele

após formado, vai lecionar em uma escola e assim vão se disseminando o analfabetismo cartográfico em todos os níveis de ensino.

Compreendemos que a cartografia ensinada nas escolas torna-se uma construção particular da cultura escolar e que, muitas vezes está distante dos avanços da própria cartografia.

A interdisciplinaridade é um ponto importante no desenvolvimento dos conteúdos nas séries iniciais, pois em uma possível prática interdisciplinar, a Cartografia poderia funcionar como meio de ligação e integração dos temas abordados, assim como a visualização dos fatores, temas ou variáveis considerados, em cada fase do estudo.

Conforme Santomé (1993, p. 70).

Interdisciplinaridade – segundo nível de associação entre disciplinas, em que a cooperação entre várias disciplinas provoca intercâmbios reais; isto é, existe verdadeira reciprocidade nos intercâmbios e, conseqüentemente, enriquecimentos mútuos.

Atualmente, a estratégia de ensino mais utilizada para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico interdisciplinar nas séries iniciais são os projetos didáticos.

Por meio dos projetos os professores podem introduzir o estudo de temas que não pertencem a uma disciplina específica, mas que envolvem duas ou mais delas.

Os projetos didáticos são feitos com o propósito de construir boas situações de aprendizagem, nas quais se evite compartimentalizar o conhecimento, e dar aos alunos um sentido ao esforço de aprender. Os professores aqui pesquisados utilizam dos projetos pedagógicos já inclusos no novo material didático para a disseminação do conhecimento. Um exemplo foi o conteúdo relacionado com a copa do mundo, onde os alunos tiveram a oportunidade de localizar no mapa a África do Sul. Fizeram uso da régua para medir em centímetros a distância entre o Brasil e a África do Sul, utilizando-se da matemática,

pintaram as bandeiras dos países e fizeram uma reflexão sobre as cores das bandeiras. Outro exemplo foi uma ida ao teatro, que durante o trajeto foram identificando e contando os números de ruas, as descidas e subidas o tempo do percurso quais as principais construções.

Desta forma os professores tem a opção de trabalhar determinados temas de forma integrada, aproveitando fatos que chamam a atenção do aluno e desperte o seu interesse. Pois, a vida é um conjunto de elementos que compõem nosso espaço e a escola é o espaço onde se aprende a entender o mundo.

Segundo Callai (2005, p. 233)

O espaço não é neutro, a noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente. A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente expectadora da vida.

Freire (2001, p. 28) “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”.

A partir de outra atividade proposta pelo professor **B** pode-se perceber que a relação em saber ler o espaço e a aparência da paisagem é importante para o processo de alfabetização, pois o lugar é sempre cheio de história e mostra resultados das relações que se estabelecem entre as pessoas os grupos e a relação entre eles e a natureza. O professor propôs que eles fizessem uma pesquisa histórica que consiste em descobrir com os mais velhos, pais e avós, e também através de fotos, os nomes das ruas por onde eles passam no trajeto da casa até a escola, tipo de transporte utilizado, as construções, isto oportuniza saber um pouco mais da história do bairro e como a paisagem das ruas foi mudando através dos anos. Ao final da pesquisa os alunos socializaram as informações através de desenhos,

maquetes e fotos, onde puderam observar e serem observados no trabalho dos colegas. Isso ficou evidenciado por se tratar de uma escola localizada em um ambiente rural onde praticamente todos os alunos participam e convivem na comunidade da escola, mesmo sendo de bairros próximos. O próprio professor passa a descobrir uma nova visão do lugar onde trabalha, pois o espaço em que vivemos é o resultado da história de nossas vidas. Ao mesmo tempo em que ele é palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator da sua própria existência.

Castrogiovanni (2007, p. 82) cita:

Quando o aluno fala sobre as relações de produção ou sobre os sentimentos que materializam na sua representação, o espaço onde vive, ele está falando de uma identidade de um determinado local que tem em suas relações a participação do próprio aluno. Valorizar a sua fala é mediar a discussão sobre seu papel e acima de tudo é discutir outros espaços, fazendo com que haja o crescimento da conquista da autonomia.

para Callai (2005, p. 243),

(...) torna-se interessante investigar qual é a identidade desses lugares, a partir dos interesses das pessoas que ali vivem. Reconhecer os valores, as crenças, as tradições e investigar os significados que têm as pessoas que vivem ali. A cultura, que dá esse conjunto de características às pessoas e aos povos, se expressa no espaço por meio de marcas que configuram as paisagens. Cada lugar tem uma força, uma energia que lhe é própria e que decorre do que ali acontece. Ela não vem de fora, nem é dada pela natureza. É resultado de uma construção social que se

dá na vivência diária dos homens que habitam o lugar, resultado do grau de consciência das pessoas com sujeitos do mundo onde vivem e dos grupos sociais que constituem ao longo de sua trajetória de vida. É o resultado do somatório de tempos curtos e tempos longos que deixam marcas no espaço.

Dentro do processo alfabetizador, além das letras, das palavras e dos números, existe uma linguagem, que é a linguagem cartográfica. Castellar (2000, p. 31).

Ao ensinar geografia, deve-se dar prioridade à construção dos conceitos pela ação da criança, tomando como referência as suas observações do lugar de vivência para que se possa formalizar conceitos geográficos por meio da linguagem cartográfica.

O material didático-pedagógico é o componente essencial ao processo de ensinoaprendizagem dos alunos. O material didático correspondente aos professores B e C são livros que foram adotados recentemente pela escola, contemplando as sete áreas do conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Artística e Educação Física, numa proposta interdisciplinar. Esse material didático é desenvolvido pelo Sistema Educacional UniBrasil tem como objetivo promover a educação, o exercício da cidadania, a transformação social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento da reflexão e da análise crítica. Tendo uma proposta inovadora baseada na interação social, na interdisciplinaridade e na comunicação.

O material didático do professor A é a Coleção Hoje é dia de Geografia da editora Positivo, essa coleção visa à compreensão da dinâmica do espaço geográfico, o que subsidiará ações mais conscientes ao longo da vida dos futuros cidadãos. Para isso, os conceitos de espaço, lugar, região, paisagem, território, sociedade e natureza são apresentados gradativamente nos volumes, a partir da realidade vivida pelo aluno. Na coleção, o ensino da Geografia está calcado em escalas de estudo: local (composta de

elementos como cidade, campo, escola, bairro); regional (considera as características naturais, econômicas, populacionais, etc.); nacional (o Estado-Nação é a peça-chave).

Para Le Sann (1985, p. 36):

È necessário proceder uma mudança na estrutura dos livros. Essa mudança deve ser norteadada fundamentalmente pela preocupação de se construir documentos cartográficos mais inteligíveis, para serem usados como instrumentos de elaboração de conhecimento e não apenas como ilustrações de textos geográficos.

A visão sobre os usuários da cartografia nos livros didáticos de geografia está presa muito mais nas questões técnicas e teóricas das representações gráficas e cartográficas. Os produtos cartográficos devem ser construídos como os textos presentes nesses mesmos livros, eles devem ser questionadores e não meramente ilustrativos.

Vygotsky (1993, p. 94) enfatiza:

(...) que a ação de qualquer ser humano antecede a linguagem, portanto, o aluno só aprende por meio de suas experiências. Acreditando nisso foram confeccionados materiais didáticos pedagógicos com imagens e diferentes linguagens para, à partir dos significados das paisagens locais, compreender os fenômenos que acontecem em escala regional, nacional e mundial, e assim produzir conhecimentos imprescindíveis à atuação dos alunos como cidadãos.

Em relação aos alunos com necessidades especiais podemos verificar que é um grande desafio inclui-los no ensino regular. O ato de incluir, não deve significar simplesmente matricular no ensino regular tais educandos, mas assegurar ao professor e à escola o suporte necessário à sua ação pedagógica. Esse processo envolve uma reestruturação das culturas, das políticas e das práticas de nossas escolas que, como sistemas abertos, precisam rever suas ações, até então predominantemente excludentes. No

entanto, tal processo vem ocorrendo gradativamente e exigindo novas discussões, estruturações e adequações. É algo possível, viável. Mas que exige pensar, querer e encarar o árduo caminho para mudar.

3 Considerações finais

Com relação ao estudado neste trabalho é possível chegar a algumas conclusões e recomendações.

O início do processo de construção da linguagem cartográfica acontece mediante o trabalho com a produção e a leitura de mapas simples, em situações significativas de aprendizagem nas quais os alunos tenham questões a resolver, seja para comunicar, seja para obter e interpretar informações.

De acordo com os trabalhos de muitos autores, Passini (1994), Almeida (2001), Castrogiovanni (2006), Almeida & Passini (1991), entre outros, o trabalho com a Geografia nos anos iniciais necessita possibilitar ao aluno a apreensão do processo de leitura de mapas, o que permitirá que o mesmo amplie seu horizonte de leitura de mundo e tenha condições mínimas de aprofundar-se nos conhecimentos geográficos.

A alfabetização cartográfica é significativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois é nessa fase escolar que os alunos iniciam-se nos conhecimentos sistematizados das ciências. Como a cartografia é um instrumento da ciência geográfica, a alfabetização para a leitura e escrita da linguagem gráfica faz-se necessária. Porém, devemos nos perguntar se os professores dos anos iniciais estão aptos a desenvolverem as competências básicas da alfabetização cartográfica. Isso perpassa pela formação escolar que os docentes obtiveram e, principalmente, pela formação superior que os mesmos adquiriram.

Portanto, as pesquisas com relação à referida temática não se esgota, pois é preciso que outros trabalhos sejam elaborados a fim de que cheguemos a um denominador comum e possamos reduzir as lacunas existentes quanto ao estudo do mapa na educação básica e superior.

Verificamos que por haver características diferentes na localização das instituições a disparidade do ensino se confirmou, uma das características que observamos é que os alunos da instituição central têm noção mais ampla da localização do lugar onde moram e estudam. E a escola da periferia tem uma visão mais concentrada nos bairros próximos da escola.

Outro aspecto destacado neste trabalho tem relação com os saberes que os professores mobilizam para ensinar os conteúdos, identificamos por meio das entrevistas, a dificuldades enfrentadas com o ensino por meio de mapas municipais indisponíveis na rede de ensino.

Observamos também que os saberes dos professores sobre os conhecimentos cartográficos tem sua origem na experiência cotidiana do trabalho docente e do uso dos livros didáticos.

Com relação às Instituições de Ensino Superior (IES) elas têm autonomia para estabelecer seus currículos. Isto pode gerar como foi verificada nesta pesquisa, uma deficiência do conhecimento relacionado à alfabetização cartográfica. De uma maneira geral os programas de disciplinas das IES, não contemplam os programas da matéria Cartografia. Esta grande diversidade, aliada a pouca carga horária, dedicada à matéria de Geografia, gera que muitos assuntos, de Cartografia, deixam de ser transmitidos aos alunos, por falta de tempo ou por desconhecimento por parte dos profissionais da Pedagogia.

Os PCNS servem de auxílio aos professores dos primeiros ciclos que são na sua maioria licenciados em Pedagogia, a prepararem e a conduzirem, os tópicos de Cartografia a serem ministrados. É, sem dúvida, um instrumento norteador para o professor. É o que o professor precisa se apropriar de novos e infinitos conhecimentos.

A Cartografia, como já citada neste trabalho, tem características próprias consagradas identificadas nos mapas, que permanecem historicamente: coordenadas, redução, simbologia e projeção cartográfica. Nesses termos, os assuntos de Cartografia ministrados nos cursos de Licenciatura em Pedagogia das IES do país poderiam ser inseridos em tópico de ensino para maior conhecimento dos futuros professores.

Em relação à estrutura curricular dos cursos de Licenciatura em Pedagogia podemos afirmar que a inclusão da matéria de Geografia foi feita muito recentemente e que muitas IES ainda não se ajustaram ao ensino da cartografia escolar.

A Cartografia foi citada, por todos os entrevistados, como um assunto desconhecido. A capacidade de bem lecionar uma disciplina está diretamente ligada ao compromisso que se tem em cumprir bem a missão e à capacidade de conduzi-la de forma correta. No entanto, é necessário que IES assim como também os órgãos tanto estadual, quanto municipal, dêem condições para que o professor tenha uma formação continuada. Ou seja, a Formação Continuada, de uma maneira geral, é uma necessidade para o aprimoramento do profissional, de maneira específica, a especialização em cursos de ensino da Cartografia é um grande auxílio para que o professor vença as dificuldades porventura existentes sobre o assunto.

Referências bibliográficas

ABREU, P.R.F.; CARNEIRO, A.F.T. A educação cartográfica na formação dos professores de geografia: a situação em Pernambuco. **Revista Brasileira de Cartografia**, Rio de Janeiro, n°58/01, abr. 2006.

ALMEIDA, R.D & PASSINI, E.Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 2001. 90 p. (Série Repensando o Ensino).

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 159p.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n.66, p 227-247, mai./ago. 2005.

CASTELLAR, S.M.V. A alfabetização em geografia. **Espaços da Escola**, Ijuí, v.10, n.37, p. 29-46 jul./set. 2000.

CASTELLAR, S. **Educação geográfica: teorias e práticas docentes.** 2 ed. reimp. São Paulo: Contexto, 2007. (Série Novas Abordagens. GEUSP, 5)

CASTROGEOVANI, Antonio C.; COSTELLA, Roselane Z. **Brincar e cartografar com diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial.** 1 ed. reimp. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. 126p.

CASTROGEOVANI, Antonio C. et. al. **Ensino da geografia: caminhos e encantos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FREIRE. P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
LE SANN, J.G. Documentos Cartográficos: considerações gerais. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, n. 3, mar. 1985.

MINAYO, Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, A.R. Geografia e cartografia escolar: o que sabem e como ensinam professoras das séries iniciais do ensino fundamental? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 481-494, set./dez. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Educação Fundamental. Geografia: compreender o espaço geográfico no ensino fundamental a partir da leitura do mundo. In: _____. **Proposta Curricular.** Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2008. p. 204-207.

Alfabetização cartográfica no ensino fundamental: reflexões e didáticas.
Michely Marcia Martin

SANTOMÈ, J.T. **Globalização e interdisciplinaridade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.